

DILIGERE SIVE AMARE – DUAS FORMAS DE AMOR NA LÍRICA LATINA MEDIEVAL

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

RESUMO: A lírica de expressão latina na Idade Média apresentou contornos específicos durante *a longa duração* deste período histórico. Na área de confluência entre os discursos histórico e literário, os poemas podem ser configurados como fontes de pesquisa indicadoras de tensões sociais, em que a arte da palavra testemunha e documenta, a partir da observação e pertencimento do eu lírico, o mundo ao seu redor. Destarte, centramos nosso trabalho no confronto entre duas maneiras de demonstração poética do amor, a primeira associada a uma visão cristã baseada na relação Homem-Deus, presente a partir dos séculos V-VI e sedimentada com a lírica mariana dos séculos X-XII, e uma segunda perspectiva, que se coaduna com a incipiente literatura trovadoresca nos vernáculos europeus, encontrada em textos poéticos em língua latina a partir do século XII e, em nosso estudo de caso, mais ligado aos prazeres da carne. Nesse sentido serão apresentados, contextualizados e sumariamente discutidos poemas curtos dedicados a bispos, uma pequena amostra literária da lírica mariana atribuída a Hildegard von Bingen (1098-1179), além da desconstrução desse modelo a partir de um *carmen buranum*.

Palavras-chave: Literatura latina. Idade Média. Espaço Germanófono.

DILIGERE SIVE AMARE – TWO FORMS OF LOVE IN MEDIEVAL LATIN LYRIC

ABSTRACT: The Latin lyric in the Middle Ages presented specific shapes during the *long duration* of this historical period. In the area of confluence between the historical and the literary discourses, the poems can be configured as research sources, that indicate the social tensions, in which the art of the word testifies and documentates, from the observation and belonging of the lyric self on, the world around him. Therefore, we focus our paper on the confrontation of two poetic ways of showing love, the first one associated to a christian view based upon the relationship between Man-God, presents from the Vth and VIth centuries onwards and consolidated with the Marian lyric from the Xth to XIIth centuries, and a second perspective, which is consistent with the emerging troubadour-like literature in the European languages, that are found in poetic texts in latin from the

XIIth century onwards and, in our case study, more linked to the pleasures of the flesh. In this sense there will be presented, contextualized and briefly discussed short poems, one dedicated to a bishop, another one a small literary sample of Marian lyric attributed to Hildegard von Bingen (1098-1179), besides the deconstruction of this model by a *carmen buranum*.

Keywords: Latin Literature. Middle Ages. German-speaking Space.

À guisa de introdução

Ao lado das línguas vernáculas em emergência durante a Idade Média, a cultura escrita de expressão latina manteve-se dominante durante a longa duração do medievo graças à atuação da Igreja. Escritos de variada ordem e gêneros distintos legaram à posteridade um repositório de inúmeras fontes para a análise dos *modi cogitandi et faciendi* daquelas sociedades. Paralelamente a escritos de fundamentação teológica encontram-se também poemas e textos literários de base cristã, ao lado de pequenas e longas narrativas, enfim, na língua do Lácio pensou-se e exprimiu-se uma parte significativa do mundo medieval. Nesse sentido, o amor enquanto sentimento divino e humano está presente, digno de loas e também de reprimendas. Destarte, um poema de louvor a um bispo, uma cantiga de adoração a Maria e um *carmen buranum* em que se exemplifica a negativa carnalidade da execução do *amor* humano servirão para ilustrar essas nuances discursivas em momentos da *longa duração* do medievo. Para tanto é indispensável um pequeno excursus sobre nosso entendimento do que é o discurso.

Os (dis)cursos entre a História e a Literatura

Antes de adentrarmos mais especificamente o campo da Mediévica Latina é importante um breve esclarecimento daquilo que entendemos como discurso. Etimologicamente, o termo discurso advém do latim *discursus*, particípio passado de *discurrere*, “correr para várias partes”, metaforicamente “movimentos, modos, tentativos, meios empregados”, além de “discurso, conversação, prática” (Saraiva, 1993, p. 382), formado por *dis-*, “fora”, mais *currere*, “correr”. No latim tardio passou a ter o significado de “conversação”.

Como estrutura linguística que possui coesão e coerência, a noção de discurso articula-se com formas de exposição da matéria escrita sob a forma, por exemplo, de narrativa, outro termo derivado do vocábulo latino *narrare* que significa em sua acepção primordial “expor narrando, contar, narrar, dar a saber” (Saraiva, 1993, p. 767), e, por sua vez, *narrare* provém de, “o que sabe”. Em uma visão mais reducionista e literária, narrativa seria, pois, a exposição de fatos e personagens em dado espaço e tempo, normalmente associada a prosa. Por outro lado, o gênero lírico tem no poema uma de suas principais formas de expressão. O termo poesia origina-se do latim *poēsis* e este do grego *ποίησις*, “qualidade da ação de fazer”, “buscar criar algo”, “fazer, criar, compor”, utilizado pela primeira vez por Lucílio (Saraiva, 1993, p. 911). Poema seria a unidade lírica por excelência da poesia.

Entretanto, dentro de uma visão historiográfica conservadora, os discursos literários poderiam, em um primeiro momento, não se constituírem em fontes confiáveis para a análise de um determinado momento histórico. A dicotomia testemunho X documento perseverou até meados do século XX, quando, inclusive, com as novas perspectivas de análise historiográfica derivadas da *École des Annales*, um destaque foi concedido ao conceito de cultura e, posteriormente, a própria literatura com o *linguistic turn* de fins dos anos 60 do século passado. Deste modo, com a confluência de vários saberes para a configuração de uma rede inter e transdisciplinar de conhecimentos sobre determinada fonte, que reuniram Antropologia, Sociologia, Filosofia, Filologia, Literatura, Linguística, dentre outros campos do conhecimento, uma noção de que o historiador, assim como o escritor são duas faces de uma mesma moeda no que tange à interpretação de seu objeto. Ambos são, em linhas gerais, contadores de (H)histórias, pois tanto a ciência da musa Clío quanto a de Calíope baseiam-se em seus discursos, em suas interpretações particulares derivadas do local e posição social que ocupam.

Tendo isso em mente, ou seja, a existência e a proficuidade dessa interrelação discursiva entre as narrativas historiográfica e literária pensamos na *longa duração* dos vários medievos e, dentro daquela, escolhemos como temática os conceitos de amor associados à etimologia dos termos. Todavia, a definição do estrato linguístico em latim, no qual foram redigidos os textos, merece um estudo à parte.

*Conceituando sermones*¹

O estudo da língua latina em uso durante a Idade Média apresenta mais pontos de dissenso do que de consenso. Isso é perceptível também a partir dos vários *sermones* que formaram a especificidade do latim medieval. Sem dúvida, os textos eclesiásticos em latim

Principalmente devido a influência da igreja durante todo o medievo, dois estratos linguísticos destacam-se na plasmação do *sermo medievalis*. Segundo Blaise (1955), o latim cristão seria, de maneira mais geral, o latim dos autores cristãos, caracterizando-se, segundo Basseto (2005) pela presença de aspectos populares, buscando adaptar-se às condições linguísticas dos cristianizados e convertidos.

Por outro lado destaca-se também um modalidade de latim que denominaríamos de latim eclesiástico, ou seja, o latim usado pela Igreja em todos os períodos para propósitos eclesiásticos, preferentemente após os escritos dos Padres da Igreja – século IV. Os textos em latim eclesiástico possuem um caráter mais formal, apresentando resoluções diretivas oriundas das instâncias diretivas da Igreja.

Além da contribuição linguística dos escritos relacionados ao cristianismo encontram-se ainda o denominado latim vulgar, norma corrente no Império, atestada com mais força a partir do século IV d.C., o “latim bárbaro”, que teria se desenvolvido mais a partir do século IX, encontrando-se majoritariamente em documentos cartoriais com a inserção de elementos das incipientes línguas românicas. Deste “caldo” linguístico ter-se-ia formado o latim medieval e devido a essa gama de vetores, uma definição unívoca é difícil.

Convivendo com o *sermo vulgaris* e embrionando-se já no citado século IV, o latim medieval, para o linguista Karl Vossler, seria uma forma intermediária entre uma língua viva (latim vulgar) e uma língua morta (latim clássico). M. E. Löfstedt o considera uma língua viva em curso normal e orgânico durante a Idade Média, o que vai ao encontro da opinião de Philip Lehmann, para quem o latim medieval era uma língua viva, mas limitada por certas conjunturas. Karl Strecker afirma ser uma continuação normal do latim clássico, tendo sido utilizado como meio de expressão pelos escrivães da Baixa Latindade. Christine Mohrmann afirma inserir-se o latim medieval entre o binômio literariedade X oralidade.

¹ A discussão sobre o latim medieval encontra-se presente mais detalhadamente em BRAGANÇA JÚNIOR, 2012, p. 33-40.

Após esta sucinta discussão propomos uma definição de latim medieval. Este *sermo* seria, portanto, a língua de cultura – e aqui retornamos à importância da cultura no século XX -, e transmissão dos ensinamentos ministrados aos alunos nas escolas seculares e nas universidades, do estudo e explicação das Sagradas Escrituras, das discussões diplomáticas, dos encontros entre intelectuais. Enfim, a língua do Lácio fornecia os subsídios necessários para um maior desenvolvimento da cultura medieval, sendo, com isso, uma marca de sua autonomia.

Deste modo, atentando para a produção lírica do medievo em língua latina tomamos como tópico de análise a (a)representação de facetas do amor, as quais, agora, passarão, no curto capítulo a seguir, pelo crivo etimológico.

Amare et diligere – dois termos para amar

O conhecimento da língua da fonte a analisar é uma *conditio sine qua non* para um acesso mais confiável a uma possível chave interpretativa. Palavras nascem, crescem e muitas vezes desdobram-se em novas ou desaparecem, assim como os seus falantes, portanto, um mínimo conhecimento filológico e semântico é requerido para uma análise de determinados vocábulos. Em latim dois são os verbos que traduzem melhor a acepção de amar em língua portuguesa.

Amare, segundo Saraiva (1993, p. 69), significa em latim “amar, querer bem, achar agradável”, além de “ter inclinação, ter amor”, mas também “entregar-se à incontinência, à devassidão”. Estas últimas acepções serão muito pertinentes ao analisarmos o último poema constante deste artigo.

Diligere, por outro lado, tem o significado de “amar com escolha, considerar, honrar” (Saraiva, 1993, p. 375). Isso fica evidente, por exemplo, em Tertuliano (século II), autor dos primórdios do Cristianismo, ao utilizar a expressão *Quem dii diligunt* – a quem os deuses amam.

Esses dois verbos com seus respectivos substantivos – *amor* e *dilectio* – compõem os textos líricos a seguir com nuances singulares, por nós analisadas.

Amare – o tempo humano da escolha

Dentro do recorte da *longa* duração do medievo, por nós mencionado no capítulo I, iniciamos a exemplificação com o século V, em fins da Tardoantiguidade e início da

Alta Idade Média com o Epitáfio de S. Hilário d'Arles. Hilário d'Arles nasceu na Gália por volta de 40, tendo lá falecido em 05/05/449. Foi bispo da cidade de Arles a partir de 430, envolvendo-se em questões político-religiosas com o papado e com bispados locais. Legou à posteridade uma hagiografia de São Honorato.

Abaixo encontra-se seu epitáfio, testemunho lírico de sua vida, que serve de louvor ao servo de Deus devido às ações por ele empreendidas:

EPITÁFIO	TRADUÇÃO
Antistes domini qui paupertatis amorem Praeponeus auro rapuit caelestia regna, Hilarius cui palma obitus et vivere Christus, Contemnens fragilem terreni corporis usum Hic carnis spoliū liquit ad astra volans	O sacerdote do senhor que, antepondo Ao ouro o amor da pobreza, arrebatou os reinos celestes, Hilário, a quem coube a vitória pela morte e o viver como Cristo, Desprezando o frágil emprego do corpo terreno Aqui deixou os despojos da carne voando aos céus.

Tradução de Edison Lourenço Molinari

No que concerne ao tema deste artigo, evidencia-se logo nos dois primeiros versos o *amor* como escolha de um modo de vida condizente com o papel social e religioso desempenhado por Hilário: o abandono do ouro pela aceitação da pobreza metaforiza a escolha por uma vida que aspira à eternidade celestial. A morte é celebrada como opção da eternidade com Cristo, sendo o amor aqui entendido como ápice do sentimento espiritual, não possuindo, contudo, qualquer relação com o corpo físico. No texto em questão, o homem escolhe a forma de amar, mas o próximo poema transfere para Deus a concessão do sentimento.

Dilectio – o tempo divino da escolha

No século XI nasce uma das mais importantes figuras de toda a Idade Média no plano cultural, Hildegard von Bingen (1098-1179). Sua vida Devido à limitação da temática deste trabalho, abranger a riquíssima produção da Sibila do Reno seria tarefa impossível, razão pela qual nos dedicaremos apenas à lírica mariana da abadessa, mais especificamente, ao poema abaixo transcrito e por nós traduzido:

Ave generosa	Salve, ó generosa
Ave generosa, gloriosa et intacta puella. Tu pupilla castitatis, tu materia sanctitatis, que Deo placuit. Nam hec superna infusio in te fuit, quod supernum Verbum in te carnem induit. Tu candidum lilium, quod Deus ante omnem creaturam inspexit. O pulcherrima et dulcissima, quam valde Deus in te delectabatur, cum amplexionem caloris sui in te posuit, ita quod Filius eius de te lactatus est.	Salve, ó Generosa, ó Virgem gloriosa e intacta! Filha da castidade, matéria de santidade, tu que agradaste a Deus! Pois em ti, o Altíssimo se uniu. E em ti o Verbo dos céus vestiu a carne. Tu és o lírio cintilante de pureza que Deus olhou antes de qualquer outra criatura! Tu és a mais bela e a mais suave. Como Deus ficou mui satisfeito contigo, quando ele deu em ti, o abraço de seu calor e, então, tu alimentaste Seu Filho!

No *carmen* aparece o termo *delectabatur* (v. 11) e através dele manifesta-se no texto poético a vontade divina através de Seu amor, de Sua (*pre*)*dileção* pela futura mãe de Cristo, em decorrência das qualidades de Maria louvadas pelo eu-lírico: a generosidade, a castidade, a materialização da santidade, sua beleza e suavidade. Novamente a metáfora é utilizada sob a figura da flor, que se abriu aos olhos de Deus como possuidora de toda uma beleza externa, mas, principalmente interna, em sua essência. Nela, a vestimenta da carne, a parte física agradou ao Criador e ele nela se uniu, configurando uma união mística no corpo.

Ave generosa, pois, expõe a escolha divina do Altíssimo - exatamente como na definição de *diligere* de Tertuliano - pela jovem virgem, amada por Ele de forma espiritual, mas que, como fruto desse sentimento, permitiu a geração e a amamentação de Seu filho, tornado Carne.

O tempo da fruição - um exemplo nos Carmina Burana

Um repositório textual bastante significativo para o estudo da cultura medieval é, sem dúvida, os *Poemas de Beuren*. Manuscrito com 254 poemas e textos dramáticos, datados, em sua maioria, dos séculos XI, XII e XIII, os *Carmina Burana* foram redigidos em em latim medieval, médio-alto-alemão e provençal. Encontrado no século XIX no ano de 1803 por Johann Christoph von Aretin, quando da dissolução do mosteiro de Bedediktbeurn.

Possuindo várias subdivisões temáticas, com poemas de cunho satírico e moral que versam sobre assuntos religiosos, críticas à igreja, loas ao amor, festas, bebidas e jogos, dentre outras temáticas, tais produções líricas normalmente são atribuídas aos goliardos, um termo que surge ainda no século XII, para caracterizar esses indivíduos que vagavam entre as escolas e universidades, de origens diversas e que por conta do anonimato muito presente, pouco se sabe no que concerne às origens ou composição social. Não obstante, no que tange aos textos referentes ao amor, tem-se aqui a concretização do amor no plano físico, como bem explicitado a seguir:

<i>Carmen Buranum</i> CB 183	<i>Canção de Beuren</i> CB 183
SI PUER CUM PUELLULA Si puer cum puellula moraretur in cellula, Felix coniunctio. Amore succrescente, pari remedio propulso procul tedio! Fit ludus ineffabilis membris, lacertis, labiis. Felix coniunctio... Amore succrescente, pari remedio propulso procul tedio!	SE UM RAPAZ E UMA DONZELA Se um rapaz e uma donzela, ficassem juntos na mesma cela... Ó casal abençoado! O amor tempera, anima o noivado; o tédio se oblitera. Brincam juntos num só gesto de bocas, pernas e o resto! Ó casal abençoado... O amor tempera, anima o noivado; o tédio se oblitera.

Tradução rimada e adaptada de Maurice van Woensel

A tradução em rimas feita por van Woensel acentua a intensidade do sentimento dos jovens. Trata-se de dois jovens, que escolheram se amar e, caso estivessem juntos,

performariam uma *felix coniunctio*, na qual suas partes físicas estariam agindo conforme a natureza humana em um jogo preponderantemente físico. O *amor* aludido no quarto verso liga-se ao verbo *succresco*, “nascer, brotar por baixo”, isto é, pode perfeitamente ser entendido como um aumento da excitação amorosa no momento do encontro. Neste poema, a tradução literária ameniza a impetuosidade do ato indescritivelmente belo – *ineffabilis*, termo que em sua raiz latina significa “lei divina”. O amor, portanto, na sua consumação física, derivaria assim da divindade.

Considerações finais

A história das palavras funde-se à história dos povos. Com o ato de nomear as coisas, com a interpretação divina de que Deus era o *Verbum* que se fez carne e que criou o universo, fica estabelecida a passagem do Homem no decurso dos séculos segundo o cristianismo. Passional ou racional, emotivo ou calculista, o ser humano deambula sempre entre dicotomias. Se pensarmos no caso do amor, como tentamos evidenciar neste pequeno ensaio, constata-se que os vocábulos latinos *amor* e *dilectio* adquirem contornos semânticos diferenciadores. Enquanto o primeiro se dirige mais ao campo concreto da relação humana, o segundo pressuporia uma aproximação maior com o sagrado. A língua latina na Idade Média, período da História fortemente marcado pela inserção dos valores cristãos através da ação eclesiástica, espelha bem essas marcas distintivas.

Se o epitáfio de São Hilário d’Arles no limiar do altomedievo ressalta o *amor* como escolha de uma incipiente *imitatio Christi*; se Maria foi constituída como a célula da *dilectio* divina que se fez carne; se dois jovens enamorados fruem as delícias da concretude da abstração conceitual do amor – esses três curtos textos indicam a sua onipresença na relação homem-mundo-Deus, ou seja, na trajetória da vida de homens e mulheres, ou pertencentes ao clero ou simples seres humanos como atemporalmente somos todos nós.

Bibliografia Crítica:

ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. Dissertação de Mestrado, Filologia Românica, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, 1989.

AUERBACH, Erich. *Lenguaje literario y publico en la baja latinidad y en la Edad Media*. Traducción de Luiz Lópes Molina. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1969.

BASSETO, Bruno. *Elementos de filologia românica*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

BISCHOFF, B. et alii. *Carmina Burana*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.

BLAISE, Albert. *Manuel de latin chrétien*. Strasbourg: Le Latin Chrétien, 1955.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia latina medieval*. Vitória: EDUFES, 2012.

CARMINA BURANA. Canções de Beuren. Apresentação de Segismundo Spina e tradução, introdução e notas de Maurice van Woensel. São Paulo: Ars Poética, 1994.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e idade média latina*. Tradução de Teodoro Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. A arte e a sociedade. Tradução de José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Paris: Libr. des Sciences et des Arts, 1937.

HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. *Mittellateinisches Glossar*. 2. Aufl.. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.

HÉLIN, Maurice. *La littérature latine au Moyen Age*. Paris: PUF, 1972. [Que sais-je?, v. 1043].

KLOPSCH, Paul. *Einführung in die mittelalterliche Verslehre*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1972.

LANGOSCH, Karl. *Lateinisches Mittelalter*. Einleitung in Sprache und Literatur. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Margarida Sérvulo Correia. 2. ed.. Lisboa: Gradiva, /s.d./.

MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des chrétiens, latin médiéval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1955.

NORBERG, Dag. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris: A. J. Picard & Cie., 1968.

RIBAS, Helena Macedo. *Entre paixões e virtudes: a lírica amorosa dos goliardos presente nos Carmina Burana – séculos XII-XIII*. Dissertação de Mestrado, História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 2018.

RIBEIRO, Daniel Valle. *A cristandade do ocidente medieval*. São Paulo: Atual, 1998.

SARAIVA, F. R. dos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.

STRECKER, Karl. *Introduction to medieval latin*. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1957.